

O Tuiuti



2013 / Nº 93

Chegam os Holandeses A Maior das Invasões Estrangeiras ao Brasil Colonial





O Tuiuti

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS) - ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA - E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)

210 ANOS DO NASCIMENTO DE CAXIAS – 70 ANOS DA CRIAÇÃO DA FEB

Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel – Presidente da AHIMTB/RS e Vice do IHTRGS
lecaminha@gmail.com

Projeto Gráfico: Fabricio Gustavo Dillenburg - Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis
nucleomilitar@gmail.com

Capa:
Navio holandês. Pintura de Paulus van Caerden.

A FAHIMTB E SUA ANTECESSORA, A AHIMTB

A Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) foi fundada em Resende, RJ, em 1º de março de 1996 e reorganizada em 23 de abril de 2012 como Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), com sede no interior da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), e mais cinco academias federadas:

- A AHIMTB/RESENDE – Academia Marechal Mário Travassos, junto à FAHIMTB na AMAN e presidida pelo acadêmico emérito Cel Claudio Moreira Bento;
- A AHIMTB/Distrito Federal – Academia Marechal José Pessoa, com sede no Colégio Militar de Brasília, sob a presidência do acadêmico emérito Gen Div Arnaldo Serafim;
- A AHIMTB/Rio de Janeiro – Academia Marechal João Batista de Mattos, com sede na Associação Nacional dos Veteranos da FEB (ANVFEB/RJ) e sob a presidência do acadêmico emérito Eng Ten R/2 Art Israel Blajberg;
- A AHIMTB/Rio Grande do Sul – Academia General Rinaldo Pereira da Câmara, com sede no Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) e sob a presidência do acadêmico emérito Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis; e
- A AHIMTB/São Paulo – Academia General Bertoldo Klinger, com sede no Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba (IHGGS), sob a presidência do acadêmico Historiador Adilson Cesar, também o presidente do citado Instituto. As citadas AHIMTB funcionam com delegações de poderes específicos da FAHIMTB e AHIMTB/Resende.

A AHIMTB foi fundada na data do aniversário do término da Guerra do Paraguai e do início do ensino militar na Academia Militar das Agulhas Negras em Resende. Teve, como sua sucessora, a FAHIMTB e as AHIMTB federadas, que são destinadas a desenvolver a História das Forças Terrestres do Brasil: Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, Forças Auxiliares e outras forças que as antecederam desde o Descobrimento. A FAHIMTB, com sede e foro em Resende mas de amplitude nacional, tem como patrono o Duque de Caxias e como patronos de cadeiras historiadores militares terrestres consagrados.

INVASÕES HOLANDESES

Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis

Presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil/RS

Vice- Presidente do Instituto de História e Tradições do
Rio Grande do Sul

1. CONTEXTUALIZAÇÃO

No segundo século da colonização portuguesa (século XVII) do Brasil, os luso- brasileiros foram obrigados a lutar e defender o território contra a maior das invasões estrangeiras, a holandesa. Não eram novidade essas invasões. Desde a primeira metade do século anterior, os colonos já tiveram que se haver contra franceses, ingleses e, desde aquela época, holandeses, embora em contextos diferentes¹.

A Companhia Holandesa das Índias Ocidentais² (WIC), criada pelos Estados Gerais dos Países Baixos³, em similitude com a sua co-irmã, a das Índias Orientais, e tendo recebido um alvará de funcionamento em 03 de junho de 1621, organizou a invasão ao nordeste brasileiro. Ela foi motivada basicamente por três razões, a saber, a localização do saliente nordestino em relação às rotas comerciais,

o alto preço do açúcar no comércio europeu, e o grande rendimento do cultivar⁴ devido ao solo nordestino, o massapê. Na verdade, foram três invasões, no período de 1624/54. A primeira em Salvador⁵, a segunda no Recife e a última no Maranhão, esta subordinada à segunda.

A WIC, com seu exército e marinha, ambos formados de mercenários, formavam o braço armado holandês para conquistar, ocupar, manter e explorar o altamente rentável cultivo da cana-de-açúcar no Brasil. As capitanias da Bahia e de Pernambuco eram as mais ricas e prósperas. E não era somente o saliente nordestino o objetivo da WIC mas também as mercadorias de diversas nacionalidades que circulavam no Atlântico. Portanto, a Companhia tornou-se uma corsária. Muitas embarcações foram assaltadas pelos holandeses. Outros produtos eram cobiçados pelos estrangeiros, de modo geral, quais sejam, pau-brasil, algodão, peles, aves e outros animais exóticos (LUCENA, 1997, p. 19), e escravos africanos.

Desde 1580, quando morreu o soberano português Cardeal Dom Henrique⁶, Espanha e Portugal estavam sob a mesma monarquia. Até 1640 perdurou a chamada União das Coroas Ibéricas, o que equivale a dizer que o Brasil pertenceu à Espanha naqueles 60 anos.

A Holanda, por questões de sucessão dinástica, tinha pertencido à Espanha, situação que sempre

causou grande rivalidade entre as duas, principalmente após a revolta capitaneada por Guilherme de Orange em 1579, que resultou na criação da República Batava (FTD, 1925, p. 136), mas que originou uma trégua entre 1609 e 1621. Esta trégua⁷ fez com que o açúcar brasileiro fosse negociado diretamente com a Holanda, sem a intermediação da Espanha. Após a trégua reiniciou a guerra.

Mas, além do já citado conflito pré-existente, desde 1618 Espanha e Holanda foram inimigas no contexto da Guerra dos Trinta Anos na Europa, o que colocou em confronto a Casa D'Áustria e a Alemanha. Esta, contou com a aliança da França, ao passo que a Espanha ficou do lado da Áustria. Como a Holanda fez aliança com a França, espanhóis e holandeses ficaram em lados contrários, o que constituiu uma das causas da invasão holandesa ao Brasil. Por óbvio, a mútua rejeição religiosa entre ambos desde o início do calvinismo em meados do século XVI foi fator recorrente no processo histórico⁸.

Até 1640, quando ocorreu a restauração portuguesa, a guerra foi de luso-brasileiros-espanhóis contra holandeses. Depois disso, o conflito assumiu um outro perfil, qual seja, o de luso-brasileiros contra os batavos⁹ da WIC.

A guerra dos luso-brasileiros contra os holandeses tem diversos nomes. Os mais importantes são os seguintes: - Guerra dos Trinta Anos

do Brasil; - Guerra Brasílica; - Guerra Holandesa; e - Guerra do Açúcar.

Portanto, este processo histórico esteve submetido a contextos diferentes ao longo dos trinta anos, mas invariavelmente subordinado às diversas circunstâncias europeias ao longo do tempo.

A invasão a Salvador foi, inicialmente, bem sucedida, comandada por Jacob Willekens, Pietr Pieterszonn Heyn e Johan Van Dorth, que invadiram a cidade a partir de 10 de maio de 1624, mas ao longo do tempo as milícias coloniais equilibraram as ações e retomaram a área, lideradas, inicialmente, pelo bispo Dom Marcos Teixeira de Mendonça, que organizou os batalhões e a chamada "Milícia dos descalços"¹⁰. O governador era Diogo de Mendonça Furtado, que foi preso logo nos primeiros dias e deportado para a Holanda, tendo sido substituído em maio de 1625 por Mathias de Albuquerque, antes governador de Pernambuco. Ao saber da infausta notícia, o rei de Espanha determinou ao seu governo e ao governador de Portugal que organizassem uma esquadra para socorrer a Bahia. Em Portugal, sob as ordens do General Dom Manoel de Menezes, foi montada uma esquadra de 26 navios, e na Espanha um outra de 38 embarcações, comandada pelo Almirante Juan Fajardo. Estas duas esquadras reuniram-se nas Ilhas do Cabo Verde sob o comando do General Dom Fradique de Toledo Osório¹¹ e seguiram destino imediatamente, chegando às costas

baianas em 28 de março de 1625 (MELLO MORAES, 1886, p. 244). Bloqueado o inimigo flamengo¹² por mar e por terra, este capitulou já a 30 do mês seguinte, tendo sido liberado para retornar à Europa.

No período entre 1625 e 1630, os holandeses continuaram assolando as costas brasileiras. Um dos corsários mais ativos foi exatamente o Almirante Pietr Heyn, que atacou Vitória¹³ do Espírito Santo em 1625 e Salvador em março e em junho de 1627. No mesmo ano, ele assaltou os chamados "Galeões do México"¹⁴ carregados de prata e de outras mercadorias preciosas lucrando, a WIC, cerca de 15 milhões de florins (FTD, 1925, p. 142).



Em Pernambuco a WIC obteve sucesso, pelo menos inicialmente. Recife foi invadida¹⁵ em 1º de março de 1630, depois do desembarque das tropas adventícias, comandadas pelo Coronel Diederick van Waerdenburch, em Pau Amarelo,

quatro léguas ao norte de Olinda, com a ajuda "...de um espião, o judeu Antônio Dias..."¹⁶ (Ibidem, p.144). Mathias de Albuquerque retirou-se para o Arraial do Bom Jesus¹⁷. Até 1637, as principais vitórias da WIC em Pernambuco foram as seguintes: Rio Doce (Fev 1630), Olinda¹⁸ (idem), Forte de São Jorge (Mar 1630), Recife (idem), Itamaracá (Mai 1630), Igarapé, Rio Formoso (Fev 1632) e Afogados (Mar 1633), Goiana, Barra Grande, Alagoas, Muribeca, Forte dos Reis Magos (RN-Dez 1633), Cabo Santo Agostinho, Fortim da Barra do Cunhaú, Forte do Cabedelo (Dez 1634), Forte da Restinga (idem), Forte de Santo Antônio (idem), Filipéia (atual João Pessoa, 1634),



General-de-Campo
Mathias de Albuquerque

além de alguns pontos na Várzea do Capibaribe, ainda em 1630/31.

Em julho de 1631 chegou à Bahia a esquadra luso-castelhana de Dom Antônio de Oquendo, com o objetivo de apoiar Pernambuco. Era a resposta espanhola à expedição neerlandesa do Almirante Adriaen Janszoon Pater, que aportou no Recife no início do mesmo ano (EME, 1972, p. 129). Encontraram-se as duas em 12 de setembro na região do Arquipélago de Abrolhos¹⁹, ao sul de Salvador. A de Oquendo com 20 navios e a de Pater com 16. Com o afundamento do navio-capitânea e a morte de Pater, a vitória de Oquendo foi inegável, embora "seus barcos registrassem tantos danos quanto os do adversário" (DONATO, 1996, p. 176).

Em abril de 1632, o mameluco Domingos Fernandes Calabar²⁰, natural de Porto calvo, desertou do Arraial do Bom Jesus "e foi oferecer seus serviços aos Bâtavos". Conhecedor da região, serviu de guia aos holandeses, informou-lhes sobre as táticas dos pernambucanos e recomendou aos mesmos "oppor emboscada a emboscada" (FTD, 1925, p. 148).

Em outubro de 1633, uma outra esquadra lusa, sob as ordens de Francisco de Vasconcellos da Cunha, foi tão severamente castigada no Atlântico que dos 600 homens somente 180 chegaram a Pernambuco (Ibidem, p. 150). Outro fator adverso

eram os índios Tapuias, que saíam da selva “em hordas numerosas, assolavam os povoados e praticavam as maiores crueldades” (Ibidem, p. 150). Assim, a balança começou a pesar a favor dos batavos. A o final de 1635 chegou a Alagoas uma nova frota espanhola comandada pelo novo governador nomeado, Dom Luiz de Rojas y Borja²¹, o qual substituiu Mathias de Albuquerque. Este, regressando a Lisboa, foi acusado de ter perdido Pernambuco, sendo então condenado pela Mesa de Consciência e Ordens à prisão na Torre de São Julião, onde ficou até a restauração portuguesa em 1640.

Em 22 de janeiro de 1637 começa o período do Conde e Príncipe Johann Moritz Von Nassau-Siegen²², o qual governou Pernambuco até 22 de maio de 1644. Neste período, apesar da trégua de dez anos²³ entre Portugal e a Holanda, firmada em junho de 1641 (Ibidem, p. 165), Nassau-Siegen atacou Salvador e o Maranhão. Este, estava separado do restante do Brasil²⁴, em administrações distintas, desde 1621 (GIORGIS, 2007, p. 19). Prenderam os holandeses o governador Bento Maciel Parente e governaram a capitania até fevereiro de 1644 quando, vencidos pelo Capitão-Mor Antonio Teixeira de Mello, foram obrigados a fugir do Maranhão. Conforme FTD (p. 166) esta foi a principal razão da retirada de Nassau de volta para a Europa²⁵. Os seus sucessores foram intolerantes e arbitrários ao extremo, principalmente em relação

à religião, causando enorme repulsa aos pernambucanos, inclusive pela presença de grande número de judeus que acompanhavam os holandeses. Em 23 de maio de 1645, 16 conjurados firmaram o Compromisso Imortal de Ipojuca contra o domínio holandês. Começava a epopeia da Insurreição Pernambucana²⁶, liderada por homens que se forjaram na luta contra os flamengos desde 1624²⁷, inclusive o governador da Bahia Dom Antônio



Detalhe de painel de cerâmica de Francisco Brennand, sobre a Batalha dos Guararapes, mostrando Henrique Dias

Teles da Silva e, vindo de Portugal, o Mestre-de-Campo General Francisco Barreto de Menezes. Este processo de nove anos vai até a Batalha de Reconquista do Recife e à assinatura de rendição dos holandeses na Campina do Taborda em 26 de janeiro de 1654, passando pelas duas batalhas do montes Guararapes em 1648 e 1649, a fundação da Companhia Geral de Comércio do Brasil²⁸ e a ruína da WIC (EME, 1972, p. 194).

Derrotada, a WIC teria ido explorar cana-de-açúcar nas Antilhas.

No campo militar, durante trinta anos, sobressaíram-se as enormes diferenças entre as forças da WIC e os combatentes luso-brasileiros-espanhóis, depois somente luso-brasileiros, no que se refere, principalmente, aos processos de combate e aos armamentos utilizados, entre outros fatores. Este é o mote deste trabalho, a comparação entre ambos.



Estudo de Victor Meirelles de Lima (1832-1903), representando Felipe Camarão (Museu Vitor Meirelles, Florianópolis)

2. DESENVOLVIMENTO

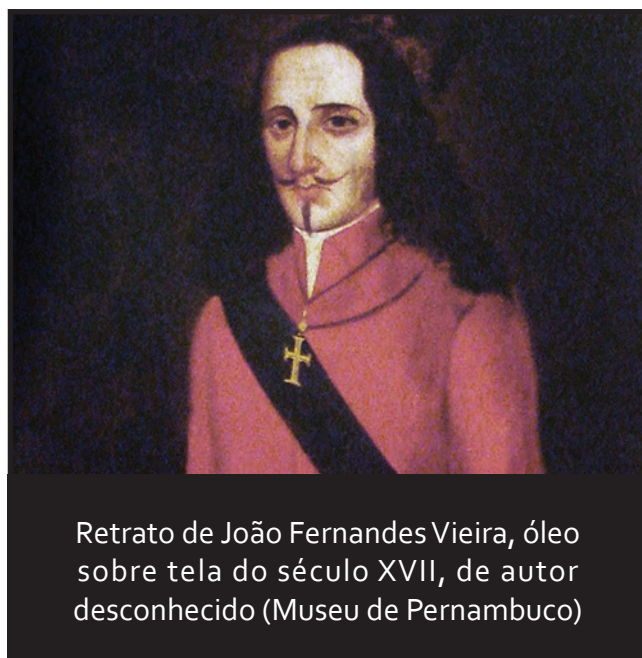
2.1 Estratégia

As ações holandesas foram baseadas no controle e na supremacia do mar adjacente às áreas invadidas. Com esse controle, incluindo, por óbvio, os portos e o litoral, esperavam eles a manutenção do apoio externo para ele próprios e a eliminação do apoio

às áreas invadidas. Conquistados os portos e as áreas litorâneas, se seguiria a conquista do interior e, submetidos os colonos, o controle das plantações de açúcar e dos engenhos. Portanto, uma vertente militar e outra econômica. Isto tudo dentro de uma concepção capitalista-calvinista. Fator subordinado era a expansão do luteranismo/protestantismo nos moldes e no rito de João Calvino. A luta contra os holandeses, de forma ampla, nos trinta anos, iniciou-se com uma guerra de resistência com os precários recursos materiais e humanos disponíveis. Depois dessa fase, passou-se à guerra de reconquista. Ressalta-se a fase de relativa calma durante o período nassoviano (FAUSTO, 2002, p. 88, 89). Na fase inicial, predominou “a estratégia indireta ou do desgaste, através da guerra de emboscada (guerra de guerrilhas)” (BENTO, 2004, p. 71). O objetivo era o desgaste do inimigo pelo prolongamento da guerra. Na fase final (reconquista), o Exército dos Independentes, ou Patriota, usou a estratégia direta “pela qual se busca, através de uma batalha decisiva, a destruição do inimigo ou de sua vontade de combater” (Ibidem, p. 70). A partir de certa altura da fase final, a guerra passou a ser uma guerra de recursos. Entretanto, conforme os dizeres de Henrique Handelmann (História do Brasil. Rio de Janeiro: IHGB, 1931, v. 1, p. 201), pelo menos na fase inicial, nenhuma das forças oponentes “estava em condições de dominar completamente”.

2.2 Organização

As tropas da WIC eram organizadas conforme a doutrina militar europeia da época. Superada a fase medieval das “guerras de reis” (AMAN, 1978, p. 52) e com o advento das armas de fogo, as armas eram as básicas: Infantaria, Cavalaria e Artilharia. As tropas eram formadas de regimentos, batalhões e companhias. O regimento era a unidade tática. Cada grupo de oito batalhões formava uma Brigada que, em combate, adotava a formação em três linhas de batalhões (SOUZA JÚNIOR, 1948, p. 134). A Engenharia começou a ser empregada por Maurício de Nassau. Os infantess eram grupados em “bandas” e atuavam emassados, a exemplo das falanges gregas, com dez ou doze fileiras de profundidade formando os “quadrados”. Nassau foi quem acabou com os quadrados e organizou os batalhões (Ibidem, p. 54). A cavalaria era a medieval, com armaduras, e combatia pelo choque. Ficava nas alas da formação, com a infantaria no centro. Foi Nassau quem criou os esquadrões de 200 cavalariass (Ibidem, p. 55). A Artilharia passou a ser mais reforçada neste período, embora muito pesada e sem mobilidade. Era empregada nas guerras de sítio. Apresentava uma característica: talvez pelo aspecto técnico, era uma empresa civil, que não fazia parte do Exército. Os artilheiros eram trabalhadores civis. Nassau destacou a Engenharia, com lugar de destaque para os sapadores que, antes, eram tropa auxiliar. Na segunda metade do século XVII Gustavo Adolfo, rei da



Retrato de João Fernandes Vieira, óleo sobre tela do século XVII, de autor desconhecido (Museu de Pernambuco)

Suécia, introduziu inovações, com sucesso, na organização militar, que foram sendo aplicadas ao longo do tempo.

As tropas lusas da época eram organizadas em Tropa de Linha, Milícias e Corpos de Ordenanças. A primeira, era regular, profissional e permanente, formada em regimentos, mas nas colônias se buscava o complemento dos efetivos, nem sempre fácil, problema que se procurou resolver com o recrutamento (FAUSTO, 2002, p. 63). O Exército Colonial no Brasil, até a União das Coroas de Portugal e Espanha (1580-1640) possuía sua doutrina emanada de Portugal. Durante a União das Coroas Ibéricas 1580-1640, recebeu influência da Doutrina Militar Espanhola, caracterizada pelo terço, as bandeiras e os troços, nomes dados aos equivalentes, hoje, Regimento, Companhia e Pelotão. O comandante do Terço, atual Regimento, era chamado de

Mestre de Campo, que equivalia ao hoje Coronel (BENTO, 2013, p.6)²⁹. Conforme Marcos Lucena, somente após a restauração (1640) Portugal passou a “constituir um exército permanente, com tropas regulares, e tais tropas seriam recrutadas a partir do corpo de ordenanças” (LUCENA, 1997, p. 62). As milícias eram tropas auxiliares recrutadas, muitas vezes à força, entre os habitantes e não eram remuneradas. As ordenanças eram formadas por todo o resto da população masculina entre 18 e 60 anos de idade, exceto padres. Eram forças locais e não exigiam recrutamento (Ibidem, p. 63, 64). Foram as milícias e ordenanças formadas na colônia brasileira que deram origem às Companhias de Emboscadas, um dos principais fatores de sucesso nas vitórias contra o invasor.

2.3 Comando e liderança

Nas forças holandesas, o comando supremo era de um Tenente-General. No caso, Sigismundo Von Schkoppe. Os regimentos eram comandados por coronéis. Abaixo, os tenentes-coronéis e majores. Não há referências sobre postos inferiores. O grande problema da liderança era a heterogeneidade das tropas, formadas por soldados de diversas origens e, mais grave, de mercenários, que combatiam por dinheiro. Mesmo assim, como as formações em combate eram rígidas, os holandeses obtiveram sucesso em muitas batalhas.

Nas forças luso-brasileiras, o posto mais elevado era o de Mestre-de-Campo General. Foi o caso de Francisco Barreto de Menezes. Abaixo, o Sargento-Mor (Major)³⁰ e, subordinados diretamente, os capitães. A liderança das tropas patrícias, embora estas fossem também heterogêneas³¹ e carentes de todo o tipo de recursos, era baseada na moral e na defesa da terra, dos valores, da religião e da cultura. É importante fazer justiça aos padres jesuítas, que se esforçaram em orientar os combatentes. Até 1647, sobressaiu-se o Padre Antônio Vieira. Neste ano ele foi para a Europa tentar uma solução conciliadora para o conflito no nordeste brasileiro, mas foi surpreendido pela vitoriosa 1ª Batalha dos Guararapes³².



Exemplos do armamento da época, baseado em clavinas, arcabuzes, mosquetes e pistolas (FTD)

2.4 Táticas empregadas

Da parte dos combatentes da WIC, a tática era baseada no fogo dos mosquetes. Depois, entravam em

ação as armas brancas; no caso, os piqueteiros (de pique), enquanto os mosquetes eram recarregados. Neste momento crítico, os patriotas aproveitavam para o ataque corpo-a-corpo (BENTO, 2004, p. 75). Mosqueteiros e piqueteiros eram colocados, rigidamente, em linhas sucessivas. Mas os piqueteiros não podiam auxiliar os demais, o que concorria para a vulnerabilidade e a confusão, fatores negativos aproveitados pelos luso-brasileiros. Os patriotas usavam táticas nativas³³, baseadas nas emboscadas, cerco e ciladas (Ibidem, p. 71). Ou seja, desgastar ao máximo o inimigo, e usando o confronto direto somente nas fases posteriores.

2.5 Soldados

Nas tropas holandesas predominava o recrutamento através do

mercenarismo, com combatentes de diversas nacionalidades, como já foi citado. Em situação crítica na Europa, inclusive fome, vieram para o Brasil incorporados no Exército e Marinha da WIC buscando sobreviver e, se possível, obter um pedaço de terra para explorar o açúcar. Como exemplo, o general Von Schkoppe era alemão, mas havia, além de holandeses, poloneses, austríacos, suíços, belgas, etc. O soldado invasor se caracterizava pela formação militar muito rígida, mercê da doutrina da época, que não permitia iniciativa e flexibilidade em combate. O valor em combate era relativo, excessivamente amarrado ao armamento e às técnicas da época. Conforme Boris Fausto, vários senhores de engenho, canavieiros, cristãos-novos, negros, índios



Diederich van Waerdenburg e Cornelius Lonq (FTD)



André Vidal de Negreiros,
conforme retratado em edital aos
holandeses, de 02 de Abril de 1648
(Souza Júnior, 1998, p. 167)

No documento, lia-se:
"Nenhuma inferioridade conhecemos
em nós que hajamos de sujeitar a quem
esperamos brevemente vencer.
Tratem de sair à campanha, onde
há tanto que os esperamos,
estando certos de que a nossa
máxima é vencê-los ou morrer".

tapuias e mestiços pobres ficaram do lado dos holandeses (FAUSTO, 2002, p. 89).

Do lado patriota, o recrutamento era feito em diversos locais³⁴, através de oficiais que viajavam para obter recrutas; inclusive aos fugitivos da lei era oferecida a remissão de suas faltas. O treinamento foi desenvolvido em alto grau por longos períodos, principalmente o ataque através de emboscadas, e valorizando a surpresa, a velocidade, a iniciativa, a coragem, o aproveitamento judicioso do terreno e o corpo a corpo. Este foi o trabalho de Antônio Dias Cardoso, entre outros. A força moral era a luta

debaixo da cruz católica contra o invasor protestante.

2.6 Armamento

A WIC usava, como armas de fogo, clavinas, arcabuzes, mosquetes e pistolas, todos eles armamentos de carregamento pela boca (antecarga). Das armas brancas, como armamento individual: alabardas, piques³⁵, lanças e espadas. As peças de artilharia eram de pequena dotação. Como exemplo, em cada uma das duas batalhas dos Guararapes havia somente seis peças, indicando que essa era a dotação de uma brigada (Ibidem, p. 77).

O Exército Patriota, nas fases iniciais, usava bordões (cajados), chuços³⁶, piques, paus tostados, facões e espadas. Depois, passou a usar também o armamento de fogo apreendido dos holandeses, limitado à disponibilidade de pólvora. Da mesma forma, as peças de Artilharia, que eram "tracionadas a boi" (Ibidem, p. 64). Foi muito aproveitada a técnica dos índios, principalmente no armamento, ou seja, bordunas, tacapes e, principalmente, o arco e flecha. Os índios eram chamados flecheiros³⁷ e causaram muitas mortes e ferimentos aos holandeses nas emboscadas.

2.7 Forças navais

As forças navais da WIC eram formadas por diversos tipos de embarcações.

Eram navios, iates, galeões, fragatas, naus, urcas, caravelas, patachos, chalupas, batéis e outros meios flutuantes menores. A esquadra do Almirante Jacob Willekens, que atacou Salvador em 1624, veio com 46 canhões de bronze mais 168 de ferro fundido, 1.600 marinheiros e 1.700 soldados para ações terrestres (ROSTY, 2009, p. 86, 87). Conforme o Coronel Professor Ruas Santos, os navios eram destinados às ações de fogo e os iates eram usados para as manobras (SANTOS, 1963, p. 169). Já a força que conquistou Pernambuco em 1630, comandada pelo General-do-Mar Wendrich Corneliszoon Lonck trouxe, além de 3.500 tripulantes, 3.000 soldados de terra. Os desembarques anfíbios eram procedidos através das chalupas e dos batéis (20 a 30 homens por vez) (Ibidem, p. 169).

As forças navais ibéricas possuíam galeões, naus, urcas, caravelas, patachos e outros navios menores como chalupas e batéis. A esquadra de Dom Fradique de Toledo Osório – Marquês de Villanueva de Valdueza, que chegou a Salvador em março de 1625, era formada por todos os tipos de navios acima citados e foi a maior frota de guerra que jamais tinha atravessado o Atlântico. Depois dessa, ao longo do tempo, diversas frotas luso-espanholas foram mandadas para a colônia brasileira, sob o comando de Dom Antônio Oquendo, Don Lope de Hoce, Don Fernando de Mascarenhas - Conde da Torre e Dom Antônio Teles de Menezes³⁸. Além dessas, já

sob a égide da Companhia Geral de Comércio, mais quatro expedições foram organizadas e enviadas. Estas últimas foram as testemunhas vivas e participantes da derrocada dos flamengos da WIC no Brasil posto que, retirado do inimigo o controle do espaço marítimo, a vitória era questão de tempo, como realmente ocorreu.



Pieter Pieterszoon Heyn (1577-1629), oficial naval holandês, morto em uma batalha contra os ingleses

3. CONCLUSÃO

Das três grandes epopeias luso-brasileiras contra estrangeiros na fase do Brasil-colônia a Guerra Brasílica foi a mais longa e a mais traumática mas também a mais significativa³⁹. O legado dos heróis patriotas como João Fernandes Vieira, Henrique Dias, Felipe Camarão, Antônio Dias Cardoso, Francisco Barreto de Menezes, Mathias de Albuquerque, Marcos Teixeira, André Vidal de Negreiros, Mateus Fernandes, Martim Soares Moreno e tantos



Ilustração representando o combatente Antônio Dias Cardoso (em Souza Júnior)

outros é enorme. Souberam resistir e depois reconquistar, em nome da fé e da razão, sob a cruz e a espada. Venceram tropas europeias adestradas nos melhores exércitos do mundo, na época.

Sem dúvida, um feito que deve servir de exemplo permanente e que teve a virtude de fazer surgir

o patriotismo, retemperar os caracteres, as vontades, o espírito de luta e, sobretudo, criar a alma brasileira. O legado do exemplo é o mais relevante.

•

A mensagem da FAHIMTB/AHIMTB/RS é a seguinte:

Os patriotas do século XVII no Nordeste constituem o melhor exemplo para os brasileiros de agora, defensores da Amazônia, civis e militares.

•

Notas:

1 Na raiz de tudo isso estava a divisão papal das terras americanas entre Portugal e Espanha pelo meridiano de Tordesilhas (LUCENA, 1997, p. 23).

2 De WIC (West Indische Compagnie - Companhia das Índias de Oeste, ou das Índias Ocidentais).

3 Reunia as regiões que hoje correspondem à Holanda, Bélgica e Flandres.

4 Qualquer variedade vegetal cultivada, seja qual for sua natureza genética (<http://www.dicio.com.br>).

- 5** Capital do Governo-Geral do Brasil.
- 6** Era tio e sucessor de Dom Sebastião, desaparecido em 1578 na Batalha de Alcácer-Quebir, no Marrocos (GIORGIS, 2007, p. 16).
- 7** Trégua dos doze anos (GIORGIS, 2007, p. 18).
- 8** A Igreja Reformada calvinista teria realizado o primeiro culto em Pernambuco ainda a bordo do navio do almirante Hendrick Lonck, em 14 de fevereiro de 1630, oficiado pelo reverendo Johannes Baers, que marcou o reinício das atividades da Igreja Reformada em território brasileiro (Apud Schaldwijk, Frans. Igreja e Estado no Brasil Holandês, p. 114). O protestantismo no Brasil remonta às invasões francesas em 1555, realizadas por huguenotes.
- 9** Genericamente, porque na verdade, exército e marinha da WIC eram formados por mercenários de diversas nacionalidades.
- 10** Precursora das Companhias de Emboscadas. Foi responsável pela execução de Johan Van Dorth. O bispo Dom Marcos, esgotado pelo cansaço, faleceu em outubro de 1624. Na versão de MELLO MORAES, A. J. de. Chronica Geral do Brasil. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1886, p. 238, o bispo teria morrido "...envenenado no arraial..." no dia 06 do mesmo outubro de 1624.
- 11** Expedição chamada de Jornada dos Vassalos (GIORGIS, 2007, p. 19).
- 12** Sentido genérico: gentílico da região de Flandres, atual norte da Bélgica.
- 13** Defendida por Salvador Correia de Sá e Benevides (RIO BRANCO, 1999, p. 157).
- 14** Chamados também de "frota de prata" da Espanha (EME, 1972, v. 1, p. 119).
- 15** Já não era a primeira invasão. Entre 31 de março e 04 de maio de 1595 o corsário inglês James Lancaster atacou, ocupou e saqueou o Recife, sendo expulso depois (GIORGIS, 2007, p. 17).
- 16** Efetivo de 3.000 homens. Não confundir com Antônio Dias Cardoso, herói da Insurreição Pernambucana.
- 17** Sucedido em 1645 pelo Fortim do Arraial Novo do Bom Jesus, 8 Km a oeste de Recife (LUCENA, 1997, p. 168, Apud BARRETO, Aníbal, Fortificações do Brasil. Resumo Histórico. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1958).
- 18** Incendiada pelos neerlandeses em novembro de 1631 (EME, 1972, v. 1, p. 130).
- 19** Oquendo saíra de Salvador a 3, mas ventos fortes o empurraram para o sul. Foi a "mais sangrenta batalha travada em águas brasileiras" e que durou toda a jornada (DONATO, 1996, p. 176).
- 20** Executado e esquartejado como traidor em 22 de julho de 1635 (EME, 1972, p. 145).
- 21** A despeito das adversidades, Rojas y Borja venceu os holandeses em várias batalhas, juntamente com o Conde Bagnuoli. Uma delas

foi a de Mata Redonda, em 18 de janeiro de 1636, na qual derrotou o coronel polaco (a serviço da WIC) Crestofle d'Artischau Arciszewski (RIO BRANCO, 1999, p. 33).

22 Alemão da cidade de Dillenburg, nascido em 17 de junho de 1604.

23 Com o fim da União Ibérica, Portugal e Holanda assinaram a Trégua dos Dez Anos (1641-1651), na qual os holandeses comprometiam-se a deixar o Brasil assim que recuperassem seus investimentos.

24 A sede era em São Luís. A reunificação só ocorreu em 1774, por ordem do Marquês do Pombal.

25 22 de maio de 1644.

26 Também chamada de Guerra da Luz Divina.

27 Nota do autor: algumas vertentes historiográficas sustentam que a revolta contra os holandeses teve origem na inadimplência de donos de engenhos em PE, como uma forma de não honrarem seus compromissos de financiamentos tomados à WIC.

28 Sugerida pelo padre Antônio Vieira e criada pelo Alvará de 06 Fev 1649, gerou recursos para a continuação da guerra contra os holandeses.

29 Nota do autor: na organização atual, a denominação 'regimento' ficou reservada para a Cavalaria. Os batalhões são de Infantaria, Engenharia e Comunicações. A Artilharia é organizada em 'grupos'.

Os correspondentes aos 'terços' são os esquadrões e as companhias, enquanto os 'troços' são os atuais pelotões.

30 Caso de Antônio Dias Cardoso, hoje Patrono das Forças Especiais do EB.

31 Negros, índios, mamelucos, jovens, velhos, colonos portugueses e luso-brasileiros, cafuzos, etc., e até mulheres.

32 Além disso, o fim da Guerra dos Trinta Anos e o Tratado de Vestfália (24 Out 1648) tornaram os Países Baixos independentes da Espanha.

33 Estratégia do fraco contra o forte, característica da Guerra Brasílica.

34 De todo o nordeste, principalmente Pernambuco, Paraíba e Bahia (BENTO, 2004, p.70).

35 Pequeno bastão para aparar golpes de espada do inimigo (BENTO, 2004, p. 75).

36 s.m. Haste de pau armada com agulhão ou choupa (ponta de ferro) (Dic. Online Port.).

37 Chamados de "Flecheiros d'El Rei", em analogia aos King's Archer da Inglaterra Medieval.

38 A "Armada de Socorro do Brasil" (ROSTY, 2009, p. 94).

39 As duas outras foram a conquista da Amazônia e as lutas contra os espanhóis no sul.

Referências Bibliográficas:

ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS. **História da Doutrina Militar**. Resende: AMAN, 1978.

BENTO, Cláudio Moreira. **As batalhas dos Guararapes-Descrição e Análise Militar**. Porto Alegre: Metrópole/Gênesis, 2004.

(_____) **Influências doutrinárias na Doutrina Militar Terrestre Brasileira ao longo da História**, in O Guararapes nº 20. Resende: FAHIMTB, 2013.

CALMON, Pedro et ROBERTSON, William Spence. **História das Américas**. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, Ed. Gráfica Brasileira, 1954, v. 4.

ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO. **História do Exército Brasileiro**. Brasília: EME, 1972, v. 1.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2002.

FTD. **Elementos de História do Brasil**. Rio de Janeiro: Paulo de Azevedo, 1925.

GIORGIS, Luiz Ernani Caminha Giorgis. **Brasil-Linha do Tempo**. Porto Alegre: Suliani, 2007.

HANDELMANN, Henrique. **História do Brasil**, in Revista do IHGB. Rio de Janeiro: IHGB, 1931.

LUCENA, Marcos Albuquerque Veleda. **Arraial Novo do Bom Jesus**. Recife: Graftorre, 1997.

MELLO MORAES, A. J. de, Dr. **Chronica Geral do Brasil**. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1886.

RIO BRANCO, Barão do. **Efemérides Brasileiras**. Brasília: Senado Federal, 1999.

ROSTY, Cláudio Skora. **Ameaças externas: os holandeses**, in: BITTENCOURT, Armando de Senna. **História Militar Brasileira**. Palhoça: Unisul Virtual, 2009.

SANTOS, Francisco Ruas, Coronel. **Arte da Guerra**. Resende: AMAN, 1963, v. 1.

SOUZA JÚNIOR, Antônio de, Major. **Do Recôncavo aos Guararapes**. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1948.

•



Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis

Sobre o Autor: Luiz Ernani Caminha Giorgis é Coronel da Reserva, Presidente da AHIMTB/RS e Vice do IHTRGS. Editor do informativo O Tuiuti, é autor de várias obras sobre a história militar, entre elas "O Duque de Caxias Dia a Dia" e "História do Casarão da Várzea 1885-2008" (co-autor). Possui inúmeros artigos publicados e é detentor de diversos diplomas e medalhas, recebidos por serviços prestados à memória brasileira. E-mail para contato: lecaminha@gmail.com



AHIMTB / RS

ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR
TERRESTRE DO BRASIL / RS

